

Director-Proprietario e Editor
Ferreira da Silva
 Redacção, administração,
 composição e impressão
Rua de Alportel, 23 27
 SEMANARIO INDEPENDENTE
 NUMERO AVULSO 30 CENTAVOS

O ALGARVE

MARIO LYSER FRANCO
 Advogado
 RUA FERREIRA NETTO, 34
 FARO

O PORTO DE FARO

O sr. almirante Hugo de Lacerda

Na sessão da Comissão Administrativa da Camara Municipal desta cidade, que se realizou na passada quinta feira, apresentou-se o sr. comandante Branco e Brito e tendo pedido licença para expor um assunto que interessava a camara e a cidade, disse pouco mais ou menos o seguinte:

«Tendo ha anos sido encarregado pelo presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal, sr. dr. Miguel Galvão e pelo então comandante da Escola de Marinheiros, sr. capitão Mendes Cabeçadas para como camarada e amigo do sr. almirante Hugo de Lacerda, convidar este illustre hydrografo a dirigir os estudos para a construção do porto de Faro, convido que, ao entrar a actual comissão administrativa teve de repetir, a pedido ainda do sr. comandante Cabeçadas.

Nestas condições pareceu-me indispensavel vir a sessão da camara ler uma carta que acabara de receber do sr. almirante sobre esse assunto, carta que abaixo reproduzimos.

Acrescentou ainda que não podia deixar de apresentar essa carta não só porque o sr. Lacerda pede para dar conhecimento dela as pessoas que se tem interessado pela sua vida, como porque o sr. presidente da Comissão Administrativa coronel Cabeçadas, depois de haver convocado os seus colegas de Loulé, Olhão e Alportel se havia dirigido ao sr. Lacerda rogando-lhe que accitasse a direcção das obras do porto.

Tomou a palavra para responder ao sr. comandante Branco e Brito, o sr. Francisco Guerreiro Barros, que accentuou a sua extraneidade por não estar ainda nomeada a junta autonoma do porto, apesar das repetidas solicitações não só da camara, como de todos os organismos economicos dos concelhos que tem de servir-se do porto. Logo que essa junta esteja formada, a camara é de opinião de que ela não pode deixar de ter o seu engenheiro privativo, como lhe permite a lei, e nesse sentido se manifestará na ocasião oportuna, assim como entende que se deve insistir com toda a tenacidade para que esse engenheiro seja o sr. almirante Lacerda, que é por todos reconhecido como a maior autoridade portueza nesses assuntos.

Todos os restantes membros da comissão estiveram de acordo com as sensatas e inteligentes declarações do sr. Barros, o que, de resto, estão em harmonia com o procedimento que a comissão executiva tem manifestado neste assunto, orientada pelos interesses da cidade e do concelho.

1927 — Maio 30 — Lisboa.

Meu prezado Camarada e Amigo Comandante Branco e Brito:

Em relação á conversa que podemos ter, relativamente á insistencia para eu ir dirigir as obras do porto de Faro-Olhão, julgo conveniente concretisar por esta forma, o que tive occasião de lhe dizer, parecendo-me tambem conveniente que o meu amigo dê conhecimento do assunto desta carta ás pessoas que se interessam pela minha ida para esse serviço. Começando por historiar, rapidamente, o que comigo se tem passado acerca desta questão, direi: Foi o meu amigo que, ha pouco mais de dois anos, estando eu de visita em Faro, me pediu para ir dirigir as obras deste porto, ao que não me opus, mas tendo o posto condições, quanto a facilidades de trabalho e determinados estudos prévios, tendo em atenção ao que a este respeito disse o que foi tão abalizado engenheiro General Adolfo Loureiro, e ainda quanto a voltar a Macau para decidir ainda sobre importantes questões das obras desse porto. Ha algum tempo já então nesta cidade, recebi um telegrama do sr. Presidente da Camara de Faro, convidando-me a accitar a referida direcção, tendo respondido afirmativamente e que escrevia, e

na carta que enderressei a S. Ex.º o referido Presidente, recordava aquelas condições.

Vi depois discutida, na imprensa periodica de Faro a circumstancia da competencia desse convite quanto ao seu aspecto oficial e nunca recebi qualquer carta de S. Ex.º o Presidente da Camara, relativa ao assunto. Alem disto vi tambem qualquer projecto de organização de serviços que, só por si, obstava a que eu podesse tomar uma tal direcção.

De volta de Macau, ha pouco tempo, o nosso comum amigo Mendes Cabeçadas, disse-me que se continuava a contar comigo, ao que então me escusei de alguma forma, alegando que, principalmente, precisava descansar, pedindo-lhe pelo menos um adiamento para a minha resolução definitiva. Nessa occasião foi-me dito que tinha sido resolvido fazer o rasgamento da barra (antiga) do Bispo e eu não tendo elementos seguros para objectar, disse sómente que uma tal obra, a fazer-se, não deveria ser desacompanhada de molhes de protecção na parte exterior do canal; e não objectei tambem porque, tinha a impressão de que a ideia não era nova, tendo sido aventada por Adolfo Loureiro, se a mente não me falha — Esta circumstancia de se ter decidido obras importantes, sem que eu tivesse sido consultado, pareceu-me tambem que me deveria afastar desta questão; porque alem de tudo, julgo que não estão esgotadas todas as soluções a considerar, dependentes todas dos estudos que recomendei que fossem feitos. Como poderia accitar, desde já, planos que não estudei, para que penso mesmo que não ha bases seguras, e com que provavelmente não concordaria?

Depois disto soube que estava nomeado um engenheiro, como director dos serviços hydraulicos do Algarve, tendo a sede em Faro, e que era até por indicação deste engenheiro que se ia proceder á abertura da barra do Bispo. Ora este engenheiro tem já uma regular pratica de serviços do porto e é muito competente e zeloso no cumprimento de seus serviços, como sei por experiencia propria, e mal me iria pois que por assim dizer, o fosse substituir quanto ás obras de Faro-Olhão, ou que permitisse qualquer genero de dependencia de relação entre ambos.

Alem de tudo isto, que já é muito a considerar, eu regressaí muito fatigado dos trabalhos que tive em Macau, precisando de descanso e tratamento e presentemente estou encarregado de elaborar um relatório geral de meus serviços. Recebi, ha dias, um convite para ir dirigir as obras do porto do Funchal e, não só por o não dever accitar, sem estar completamente desligado das obras de Faro, não accitei, alegando tambem, principalmente o grau de fadiga em que estou e aleguei ainda, como aliás fiz desde o começo para Faro, que a minha idade não permite fazer trabalhos que quando mais novo poude fazer.

Peço pois, que sejam attend das todas estas minhas razões. Penso que não posso, nem devo já, com prometer-me a accitar o honroso encargo que V. Ex.º pretendiam dar-me, o que muito agradeço. Mas isto não quer dizer que não possa prestar o meu fraco concurso, quer em qualquer indicação ou consulta, quer em direcção de estudos que porventura julguem necessarios, devendo entender-se que mesmo isto só pode ser depois de algum tempo de descanso e tratamento da que preciso.

Rogo-lhe de tornar conhecida esta carta das Ex.ºs Pessoas que advogam a minha ida para a referida direcção, o que desde já agradeço muito.

Sempre ao seu dispor para o que poder servir
 Camarada amigo e m.º obg.
 Hugo de Lacerda

Pela nossa parte não nos dispensamos de comentar a carta do

Os gazes naturais

Agora que appareceram gazes combustiveis no Guadiana, ha que recordar que esses gazes acompanham sempre ou quasi sempre jazigos de petroleo e que em diferentes cidades do Canadá, Estados Unidos e do Mexico eles são aproveitados pelo seu poder calorifico e illumiante, mesmo directamente ou indirectamente, movendo mquinas de combustão interna e produzindo electricidade.

Em França, a cidade de Ambricieux, Vaux e outras, os utilizam taes como saem do solo.

Mesmo sem ser necessario fazer-se uma analise completa do gaz de Vila Real, sem se saber a quantidade de metano que com em se ele pode fazer andar um motor de gaz, se a sua chama é illumiante directamente ou por incandescencia pela manga propria, se faz marchar bem um fogão de gaz facil era medir com um contador proprio a quantidade de gaz aproveitavel e aproveitá-lo, mesmo sem mexer no tubo que o deita cá para fora actualmente, faziam-se depois outras sondagens e extraiam-se o mais que possivel fosse.

Dizia um jornal ha tempo que Faro tinha gumes dos gazes de Vila Real. Se lá não os querem e eles são bons, podiam ser canalizar porque 68 kilometros de tubagem não é nada comparada com 373 kilometros de uma canalisação na Transylvania, de Samarsheh por Tourda a Uiova.

Esses gazes podem conter gazolina. Na Luiziana e mesmo na Roumania a produçãõ de gazes é tal que só se aproveitam dez por cento, perdendo se 90 por cento. Servem á produçãõ do negro do fumo (pós de sapato). Nos Estados Unidos tiram por ano 34 milhões de kilos desta tinta, que é levissima, como se sabe, mas extraiem-lhe primeiro a gazolina.

Produz-m ao mesmo tempo a cyanamide (azotato de cal) com o azoto do ar que sobra da combustão do gaz, que é empregado como adubo.

Como se vê, os gazes de Vila Real podem ser uma grande fonte de riqueza para aquela florescente povoação.

F. N.

No Liceu

Exposição de trabalhos práticos

Pot proposta do sr. professor Alves de Moura, apresentada em Conselho Escolar e aprovada por unanimidade, realiza-se durante os dias 17, 18, 19 e 20 do corrente, uma exposição de trabalhos práticos, effectuados pelos alunos do Liceu.

A entrada, das 11 ás 18,30 é pública.

Sindicato Agricola de Faro

O piohlo ou formigo causou á sementeira de feijão para verde, na ultima primavera, prejuizos incalculaveis.

Contra este prejudicialissimo insecto, assim como para diferentes fungos e outros males que atacam as plantas, tem este Sindicato remedio simples e de provada eficacia (Solfar e Venetau), que recomenda aos seus associados e a todos os lavradores, certificando-lhes que só recommenda quaesquer productos depois de bem experimentados.

sr. almirante Lacerda e a tramoiã que se tem movido contra a criação da junta autonoma, unica em todo o paiz, onde ha tantas, que ainda não conseguiu emergir das ondas encapeladas do «Diario do Governo».

E se o não fazemos já hoje é porque nos falta o espaço e o assunto é vasto demais para se dizerem poucas palavras. Não perde pela demora.

Os desastres na estrada de Olhão e a possível maneira de os evitar

Sendo-me dada esta epigrafe e pedido para sobre ela dizer de minha justiça, entendo por bem esclarecer antes de mais nada, que, os desastres havidos ultimamente na estrada de Olhão, não são de culpa exclusiva dos automobilistas, conforme vulgarmente se houve rumorejar nos centros de cavaco cidadãos. Se é certo que os automobilistas por vezes excedem as suas velocidades, não é contudo menos certo, que os carreiros e peões circulem em regra fora do seu logar, sem o menor respeito nem consideração pelo proximo. E como eu pertencço ao numero daqueles que, em nada invejam as comodidades e prazeres alheios, não posso deixar sem reparo e censura o facto dos jornaes que aos desastres se tem referido pedirem providencias só contra os automobilistas, que, dizem, em louca vertigem chegam a atingir velocidades de campeonato. Parece-me melhor que em vez de se fazer chalaça com as velocidades de campeonato, se tivesse encarado a questão a sério, porque bem o merece, aproveitando esse espaço para pedir providencias tambem, contra os carreiros que na sua maioria senão na generalidade dos desastres, são sempre os causadores e geralmente os culpados.

Um cidadão para poder conduzir um automovel, tem que se subjeitar a um rigoroso exame tecnico, tem de apresentar documentos provando ter bom comportamento moral e civil, não ter castastro, ser de maior idade, reunir boas condições físicas e saber ler e escrever. Enquanto que para conduzir uma carroça, veiculo não menos perigoso, já nada precisa. Uma criança, um criminoso, um surdo, um maluco, enfim, até um cego pode conduzi-la que ninguém o incomoda.

Dois pequenos incidentes passados comigo na mesma viagem, vou citar, para prova do que acima deixo dito:

Viajando de automovel e vendo na minha frente uma carroça, dou alarme pedindo passagem, noto que esta se desviava para o lado esquerdo e logicamente avanço, porém ao aproximar-me vejo que ela me corta a passagem. Mal ou bem consegui evitar o desastre, mas indignado apelo-me, dirijo-me ao carreiro e insulto-o; sabem os leitores o que ele fez? Apontou-me para as orelhas a indicar me que era surdo. Nem sequer ouvia o que eu lhe berrava aos ouvidos.

Mais adiante vejo nova carroça, como de costume, fora do seu logar. Toco, toco, tomo a tocar, e como ela se não desviasse, coloquei-me á retaguarda, implorando do carreiro o especial favor de se desviar para o seu lado, afim de que eu podesse passar pelo lado que me era devido. Depois nem sei de quanto tempo de insistencia, sabem os leitores o que ele fez? Olha para traz irritadissimo e diz: Se você quer passar por aquele lado passe, se não quer não passe que eu daqui não saio.

Ora é contra isto que eu me revolto, e tanto mais, por ver que toda a gente pede providencias contra os automobilistas, sem sequer ter apparecido ainda, um só devoto do malogrado S. Cristovão, que as pedisse tambem para os carreiros.

Feitas estas simples mas verdadeiras considerações,ahi vai pois a minha modesta opinião sobre a possível maneira de se evitar os desastres: — Exija-se que os automobilistas caminhem em velocidade moderada nas estradas de movimento, e sobretudo ás horas deste, e obriguem-se os carreiros a caminhar pelo seu lado, a não abandonarem os carros, a não dormirem quando no exercicio das suas funções e principalmente só se permitam que conduzam carros pessoas cuja capacidade física e moral seja reconhecida.

Emidio Uva

COISAS & LOISAS

A DEUSA

Para o homem amante, a deusa é a mulher a quem ama e que desejaria ver num trono, para a adorar eternamente.
 Para o homem ciumento, a deusa é a vingança, filha dum turbilhão efervescente de negros pensamentos que esfrangalham a alma e dilaceram o coração.
 Para o homem ambicioso, a deusa é a posse do mando, que manejada pelas suas mãos tortes, satisfaz caprichos e ambições, gerando uma multidão de revoltados, ou transformando um povo num rebanho de cordeiros.

Para o homem avaro, a deusa é a ambição satisfeita pela acumulação de riquezas e a quem o titilar do ouro produz sensações perturbadoras.
 Para o homem artista, a deusa é a gloria, representada pela celebridade que os contemporaneos e vindouros admirarão com respeito.

Para o homem idealista, para aquele que pretende modificar as bases da sociedade, a deusa é a Revolução, a quem dedica as suas locubações mais extranhas e os mais mortíferos engenhos e que para a tornar numa realidade triunfante, não hesita ante a luta e em fazer correr um mar de sangue.

A PISTA

O encanto, o enlevo de todo o bom farende que tenha ou saiba guiar um carro de tantos H. P. é largar-se á vontadinha na estrada de Olhão.

Aquilo é o resumo de todos os seus maiores desejos, transmudados na impressão agradável e sensitiva das grandes velocidades.

Galgar aquela fita de tons carminados, que tem a grande extensão duas nove kilometros, sentir a brisa suave da tarde meter-se pela epiderme e refrescar os rostos esquentados pela loucura da vertigem, é, repetimos, o maior desejo de todo o pacato farende.

Mãe, o encanto maximo, reside na satisfação, no prazer de, sempre que possa, afirmar que é detentor da grande gloria de ter feito esse percurso num minuto e para que se possa alcançar tãmanha honra, todos se lançam ao «record» ambicionado.

Simplemente, isso denota a ausencia mais completa do sentimento de perigo.

Não queremos aduzir razões, todas justificadissimas, para confirmarmos tudo quanto poderemos dizer, mas, basta-nos lembrar que o campesino, o aldeão da nossa provincia, não está preparado para

TODO O BOM COMERCIANTE QUE DESEJA BEM SERVIR A SUA CLIENTELA, COM AZEITE PURO DE OLIVEIRA, NÃO DEVE DEIXAR DE CONSULTAR A SECÇÃO DE ANUNCIOS DO NOSSO JORNAL.

ra assistir impassivelmente a essas correrias. Segue estrada fora na incensurável dos seus deveres e em vez de dar a direita, seguindo sempre pela esquerda, como está regulamentado, segue imperturbavelmente pelo lado direito ou ainda, ao ouvir a buzina de qualquer automovel que vac em velocidade, perturba-se, desorienta-se e coloca muitas das vezes a carroça a meio da estrada.

Esta é a noção mais real do perigo eminente em que se colocam todos os automobilistas amigos das velocidades, sem esquecer que para isso necessita se tambem de logares proprios, onde se possam largar á vontade sem receio de fazerem victimas innocentes.

Está justamente alarmada a população das freguezias e concelhos que se servem da estrada de Olhão. Pretende-se que as autoridades evitem essas correrias desenfreadas de alguns amigosinhos das sensações fortes, mas tambem é bom não esquecer que a sua acção, tem que se fazer sentir nos carreiros que inadvertidamente seguem pela nova estrada, desviados do logar que lhes compete.

F. P.

“O meu monumento”

Por absoluta falta de espaço tem que ficar para o proximo domingo a costumada dose de mercurio no andador de João de Deus, e uma folga que somoe forçados a conceder-lhe mas que será compensada pela boa surpresa que o espera.

Porto comum de Faro e Olhão

Foi publicado no Diario do Governo um decreto abrindo no ministerio das Finanças, a favor do do Comercio, um credito na importancia de 237.974\$05 correspondente ao producto das receitas arrecadadas até 31 de março ultimo, com destino ás obras do porto comum de Faro e Olhão.

Redução de taxas telegraficas

A The Eastern Telegraph Company, Limited (Cabo Submarino Inglez) informa que desde 1 do corrente mez, as taxas dos telegramas para Loanda, Benguela e Messamedes que eram de 31\$80 passaram a ser de 21\$850, havendo portanto uma redução de 10\$30.

HA 44 ANOS

DE “O DISTRICTO DE FARO”

De 14 de junho de 1883

Do Tribuna Popular transcrevemos, com a devida venia, as seguintes eloquentes frases de louvor á distincta actriz Theresa Ago, exultando ao mesmo tempo por termos tão justamente apreciado o talento artistico de uma nossa companheira de trabalhos teatraes, filha do Algarve, que se orgulha com successivos triunfos por elle alcançados perante as plateias mais exigentes, entre as quaes occupa, sem duvida, o primeiro lugar a de Coimbra: «Servaria, a mulher de Coupeau — Theresa Ago — é uma artista distincta que vai revelando, com afirmações primorosas, o brilhante resultado do seu aturado estudo. Figurando ha pouco mais de dois anos nos palcos de D. Maria e Baquet, apresenta-se nos na Taverna como se fosse uma consumada actriz esmeradamente educada á luz da rampa. Soube manter-se sempre na linha superior que lhe marcava o seu papel.

MUNDANISMO

Partidas e chegadas
 Regressou na terça feira a Faro o illustre prelado da diocese, sr. D. Marcelino Franco, que foi, como dissemos, assistir ao Congresso Eucaristico de Guimarães. Veio acompanhado do sr. conego Baptista Delgado, seu secretario.

De visita a sua mãe, que se encontra doente, partiu para Montemor-o-Novo a esposa do sr. Antonio Marques Paixão, gerente da agencia dos Grandes Armazens do Chiado nesta cidade.

Está em Faro a sr.ª D. Laura de Almeida Morgado Rodrigues.

Retirou para Lisboa a sr.ª D. Fernanda Ville de Vasconcelos Abreu.

Regressou de Lisboa com sua esposa que ali esteve em tratamento, o sr. João de Avila e Horta.

Estava em Setubal, onde foi internar seu filho no sanatorio de Outão, o sr. José Bernardino Paulino, funcionario da estação dos caminhos de ferro desta cidade.

CASA

ALUGA-SE ao principio da estrada da Senhora da Saude. Tratar com João de Souza Gago — Faro.

Ao pintar da Faneca

...Sr. Director de O Algarve:

A proposito dos comentarios feitos pelo vosso jornal á minha carta, não desejaria mais voltar ao assunto, se não fosse haver para mim e decerto para muita gente, uma absoluta discordancia, porquanto:

Para auctores ou actores a profissão exercida no teatro ou para o teatro tem a classificação unica de Arte Dramatica.

Arte dramatica sintetisa o teatro na sua generalidade, enquanto que as palavras Drama, Comedia, Vaudeville, Farça ou Revista, apenas servem para definir especialidades.

O que se dá com a arte em si dá-se com os seus cultores, que sendo de igual modo, na sua generalidade indiscutíveis auctores dramaticos, podem nas especialidades que cultivam ser dramaturgos, comediografos ou revisteiros, mas não deixam de ser auctores dramaticos.

Existe em Portugal uma unica Associação de Classe de Auctores Dramaticos, onde estão filiados, conjuntamente com dramaturgos (que são os que se dedicam ao genero dramatico em especialidade), muitissimos comediografos ou revisteiros, que nunca se dedicam a outro genero de teatro que não fosse comedia ou revista.

Se esses revisteiros ou comediografos não fossem de facto considerados pela sua Associação como auctores dramaticos, como poderiam eles estar filiados numa Associação que tem por distinctivo o «Nucleo de Auctores Dramaticos e Compositores Musicos»?

Se aos comediografos e revisteiros lhes é conferido pela sua Agrupação o titulo de auctores dramaticos, toda a discussão contraria cae pela base.

Eis porque vos incomodo novamente, e como V. declara que não teria sido preciso aviso de recepção para ter sido publicada a minha carta, ponho á prova a vossa lealdade, de que aliás não ousou duvidar.

Com respeito ao dialogo a que O Algarve quer transformar á viva força em monologo transcrito do original uma copia. Tem decerto de dar tambem a mão á palmatoria.

Muito grato desde já sou
De V. etc.,
Artur de Monra

Eureka!!! Foi a exclamação de alivio que o sr. Moura soltou, depois de muito magiar nas nossas considerações. E, retirando da testa, o sabio dedo, desatou a escrever tudo quanto os leitores acabam de ler.

Não ha duvida que ficámos confundidos de todo!

Mas a sua razão de infelicidades é grande. Para isso muito deve concorrer a cegueira que o traz abraçado ao pelourinho, não o deixando distinguir umas certas diferenças, que desejamos ver mantidas, para se evitarem mais confusões.

O sr. Ibsen não gosta de criticas que não traduzam louvores. Fomos o unico que não l'hos endereçámos e de ahí a primeira carta, com invocação da lei especial de imprensa, que tem dois bicos.

Deve fazer-nos falta essa imensa bagagem de conhecimentos, calcados pelos seus 21 anos de constante e profiquo labor teatral. Que admira que desconhecamos a existencia do Nucleo e da Associação dos Dramaticos e de muitas outras coisas integradas na arte de Talma?!

O que é certo, certissimo, é que em 22 de maio de 1925 se constituiu por escritura publica, que consta das notas do dr. Faço Vianna, a «Sociedade de Escritores e Compositores Theatraes Portuguezes» que veio preencher uma lacuna que muito se fazia notar no nosso meio teatral.

E foi isso um acontecimento de tanta importancia que toda a imprensa se lhe referiu em termos captivantes, iniciando a «Revista de Teatro» o artigo que lhe dedicou, nos seguintes termos:

«Finalmente! Acordaram desse letargo em que permaneciam inativos, entre nós, os diversos grupos que, de colaboração, compõem o Teatro portuguez.»

E são os componentes desses grupos denominados auctores dramaticos? Não são somente auctores ou escritores theatraes e só depois se classificam pelas respectivas especialidades.

Outro tanto acontece lá fóra e não admira por isso que as suas accedades se denominem: «Société des Auteurs et Compositeurs Français»; «Societa Italiana degli Autori»; «Sociedad de Auctores

Espanoles», etc.

Embora essa Associação de Auctores Dramaticos, consinta que entre os auctores existam revisteiros e comediografos, não da autorisação que estes implicitamente tenham um attributo que lhes não pertence.

Já o dissimulo auctor dramatico corresponde a dramaturgo.

Servir-se algem do denominação dessa Associação para se arrigar a qualidade em questão e pretender chegar ao desplante de concluir que isso é uma das verdades indiscutíveis, só conseguirá demonstrar a vacuidade dum espirito ás portas da insignificancia mental e desta maneira tem o sr. Bernstein-revisteiro toda a razão cahindo toda a discussão contraria pela base...

E porque se ha-de chamar Arte Dramatica, ao que possivelmente se deveria denominar Arte Historica?!

Afinal, tudo se resume em Arte Teatral.

A Arte dramatica não sintetisa todo o Teatro. Convencionou-se isso numa epoca em que o Teatro mal balbuciava as primeiras letras. Estavamos na sua infancia. Depois foi ficando. Mas nestes tempos mais modernos, o Teatro tem sofrido grandes modificações e com elas surgiram novas exigencias e novos escritores, que deixaram de ser «auctores dramaticos» para serem o que são e devem ser. Coisas da historia de ontem e de hoje.

A verdade destas nossas indicações está naturalmente demonstrada, para que procuremos aduzir maior soma de elementos.

Mas seria de facto singular que na vida e na morte, não se concedessem os verdadeiros attributos áquelles que á causa do Teatro dedicaram o melhor do seu esforço e da sua inteligencia.

Nestes ultimos tempos varias figuras de grande relevo no Teatro nacional tem desaparecido e não vimos que os grandes jornaes e as revistas da especialidade, nos seus elogios funebres e na evocação das suas qualidades, lhes chamassem outra coisa que não fosse a razão directa dos seus trabalhos.

Conceder a um sotivel revisteiro a mesma classificação que honrada e dignamente conquistou um D. João da Câmara, um Marcelino de Mesquita, um Pinheiro Chagas, etc.; dizergu um m-u actor de rabuladas equivaie aos irmãos Rosas, Brazão, Cheby ou Alves da Cunha, é o mesmo que consenir num crime hediondo!

E isso seria uma série infundavel de crimes!

Dissimulos ha tempos, nun outro escrito, que nesta epoca extraordinaria, muitos individuos vivem com a alma fóra dos corpos. Que admira que o fumo ou o incenso da vaidade lhes suba á cabeça?!

Tudo isto tem ido muito longe, mais do que supunhamos e só temos perdido tempo e feito reclamações ao sr. Moura, tanto que lhe auguramos nas repressas da sua revista os taes au grand complet!

Para ponto final no assunto, diremos que fique como quizer; classifique-se mesmo na primeira plana das maiores glorias das Letras patrias; coloque-se entre os primicias dramaturgos do nosso tempo; continue apregoando as qualidades de auctor dramatico e lançando ao vento as penas com que se enteita, firme-se bem nesse pelourinho que erguer no amassamento do suor dispendido nesse estorço titanico dos 21 anos de chumbamento aos trabalhos theatraes, que nós continuaremos a conceder-lhe as mesmas regalias, collocando-o na mesma referencia e despiendo de todos os attributos com que se quer vangloriar e que reputamos imerecidos, para que hajam diferenças a marcar distancias.

Ibsen ou Bernstein. Será totalmente indiferente, para nós e para os leitores. Para encerrar este assunto já bem debatido e talvez fastidioso para a maioria, lembremos que depois da escolha, diga como os actores romanos:

Plaudite, civis!...

Neerologia

Faleceu em Lisboa, onde ha anos residia, o nosso comprouvenciano sr. Francisco Gonçalves Gabrita, cabo reformado da policia civil deste districto.

O filicido era pae da sr. D. Quilina da Conceição Gabrita, professora oficial, e do tenente de infantaria em serviço em Louanda, sr. José dos Santos Gabrita.

Na madrugada de domingo faleceu nesta cidade o sr. José Joaquim dos Santos, dono da oficina de sapateiro da rua do Repouso,

Divisão das Estradas do Districto de Faro

Faz-se publico que no dia 15 de julho de 1927, pelas 14 horas, na Administração do concelho de Portimão se procederá ao concurso publico para a rematação da empreitada n.º 28 de reparação corrente do pavimento completo entre quilómetros 47,812 a 48,370 e 49,241 a 50,583 da E. N. n.º 23—1.ª (antiga E. N. n.º 78).

Base de licitação 42.940\$00

Para ser admitido ao concurso é necessario apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral dos Depositos ou suas Delegações o deposito provisorio de 1.073\$50 mediante guia passada na Divisão das Estradas do Districto de Faro. O deposito definitivo será de 5% do preço da adjudicação. O processo de concurso está patente todos os dias uteis das 11 ás 17 na Secretaria da Divisão das Estradas do Districto de Faro e Administração do Concelho de Portimão.

Faro, 15 de junho de 1927.

O Eng.º Chefe da Divisão, int.º

Ricardo Esquivel Teixeira Duarte

Oficina de canteiro e escultura
DE
Antonio Tomaz Ramos
Sucessor de José Maria Paulino Fernandes
Rua Miguel Bombarda, 7 a 15
— FARO —
Encarrega-se de todos os trabalhos pertencentes á sua arte
Construção de jazigos e de todos os trabalhos para construção de predios
Fornecimento de marmores para moveis
Execução rapida perfeita e economica

Divisão das Estradas do Districto de Faro

Faz-se publico que no dia 18 de julho de 1927, pelas 14 horas, na secretaria da 1.ª secção dos serviços de conservação em Faro se procederá ao concurso publico para arrematação da empreitada n.º 27 de tapagem de covas, reparação do pavimento sobre a ponte das Lezírias e ensaibramento na extensão de 331^m entre os quilómetros 0 a 3 da E. N. n.º 106—2.ª (antiga E. D. n.º 192).

Base de licitação 4.321\$00

Para ser admitido ao concurso é necessario apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral dos Depositos ou suas Delegações o deposito provisorio de 120\$00 mediante guia passada na Divisão das Estradas do Districto de Faro. O deposito definitivo será de 5% do preço da adjudicação. O processo de concurso está patente na secretaria da Divisão das Estradas do Districto de Faro em todos os dias uteis das 11 ás 17.

Divisão em Faro, 16 de junho de 1927.

O Eng. Chefe da Divisão, int.º

Ricardo Esquivel Teixeira Duarte

AZEITE

Extrafino e Consumo

Importado de Espanha vindo quinzenalmente em grandes quantidades para Tavira

Dirigir pedidos ao Importador:

José F. da Encarnação

PRAÇA DA REPUBLICA TAVIRA

RUA CONSELHEIRO BIVAR, 53 FARO

Professora de linguas

Francês e Inglês Teorica e Prática

Habilita para exames singulares do 5.º e 7.º ano. Leciona musica a violino, bandolim, bordados, rendas de bilro, aguarela e desenho.

Acenam-se pensionistas. Rua de Santo Antonio, 113 B FARO.

Livraria H. S. CAPELA
Agencia de jornaes noticiosos, politicos e de modas
Lotarias recebidas directamente da Santa Casa da Misericordia.
Grande variedade de figurinos com as ultimas creações da moda — ultima novidade em musicas para piano e bandolim — Metuons de diversos auctores. Grande variedade em livros de estudo e romances dos melhores auctores.
Peça V. Ex.º os catalogos, que são fornecidos gratuitamente.
Descontos aos senhores professores e revendedores. Peça-se uma visita a esta casa.
Rua D. Francisco Gomes, 40 FARO
Gramofone
Vende-se em estado de novo, muito em conta. Travessa Silva Porto, 2—FARO.

Cimento LIS

Empreza de Cimentos de Leiria

Cimento branco LAFARGE para imitação de pedra de cantaria

Agente crevededor:

Empreza Fabril do Algarve, L.ª

—o— FARO —o—

MOSAICOS
Otimo acabamento
Grande resistencia ao desgaste
EMPREGO DOS MELHORES MATERIAIS
Fabrico especial da
EMPRESA FABRIL DO ALGARVE, L.ª
—o— FARO —o—

NOVA AGENCIA

PASSAGENS E PASSAPORTES

Manuel Guerreiro Matias

Legalmente habilitado pelo Commissario Geral da Emigração, de Lisboa

Despacha o mais rapido possivel para Cuba, Mexico, França, Brazil, Buenos Ayres e toda a parte do globo, incluindo as Africa, com todos os documentos legais, mesmo para menores, sendo os passageiros de qualquer classe, sempre encaminhados por seus correspondentes em Lisboa, porto ou Vigo, até dentro do paquete. Informações grátis, a quem delas precisar, por carta ou telegrama.

Endereço Telegrafico: FRUTALGARVE

Agencia: — Rua Conselheiro Bivar, 59 — FARO

MACHINAS SINGER PARA COSER
MAQUINAS DE COSER DA Companhia Fabril SINGER
As machinas SINGER são as unicas hoje existentes de construção mais solida e aperfeiçoada.
E' a unica Casa que oferece aos seus compradores sólidas garantias, pelo seu imenso credito, pelo seu crescente desenvolvimento e por ter succursaes em todas as partes do universo, dispondo dum numerooso pessoal, não só para atender a qualquer reclamação dos nossos freguezes, mas tambem pronto a fazer por tempo ilimitado todos os concertos nas suas machinas, não tomando a responsabilidade em concertos feitos por pessoas extranhas.
Filias em Faro — Rua D. Francisco Gomes, 33, Portimão—Rua Judica Fialho, B. ja—Portas de Mertola, 5. Olhão—Largo da Restauração. Tavira—Rua Alexandre Herculano, 13. Loulé.—Praça da Republica 34.